



REVISÃO DAS CONSTITUIÇÕES

CONSULTA SOBRE O PRIMEIRO RASCUNHO

INSTITUTO DOS IRMÃOS MARISTAS

Casa Geral, Roma

Maio de 2016



XXI CAPÍTULO GERAL

O XXI Capítulo geral abordou o tema de nossas atuais Constituições. Os capitulares expressaram seu pensamento com as seguintes palavras: “Cremos que para um mundo novo precisamos de uma conversão de coração. Uma revisão profunda das Constituições e Estatutos com ampla participação dos Irmãos pode nos ajudar a revitalizar nossa vocação. Para facilitar isso, o XXI Capítulo geral recomenda ao Governo geral que nomeie uma Comissão para concluir essa revisão e que o novo texto seja apresentado no XXII Capítulo geral”. Estamos, pois, diante de uma explícita recomendação capitular.



COMISSÃO DE REVISÃO DAS CONSTITUIÇÕES

A atual Comissão da Revisão das Constituições é formada pelos Irmãos Josep María Soteras (Conselheiro geral e coordenador da comissão), Tony Clark (Austrália), Eduardo Navarro de la Torre (México Ocidental), Albert Nzabonaliba (África Centro-Leste) e Antonio Peralta (Santa María de los Andes).



CONTACTA-NOS

Email: const@fms.it

WEB: <http://www.champagnat.org/const/>

INDICAÇÕES GERAIS

Vocês têm em suas mãos a consulta sobre um incipiente rascunho de nossas Constituições. Não é um texto completo: é um ensaio com os dois primeiros capítulos. Pretendemos que, desde o início, possamos confirmar as opções e a direção tomada pela Comissão de revisão. Com o aval e as contribuições específicas sobre esta primeira parte, lançar-nos-emos para a preparação de um segundo rascunho, já completo, que também terão a oportunidade de avaliar e enriquecer antes do Capítulo geral de 2017.

CALENDÁRIO

Para evitar o acúmulo de tarefas prévias do Capítulo, foram reorganizadas as diferentes consultas de forma complementar, seguindo aproximadamente o seguinte calendário:

Maio-Setembro 2015	Consulta inicial <i>(Já realizada)</i>	Foco: compartilhar a vida Dinâmica: 5 temas em encontros intercomunitários
Maio-Setembro 2016	Primeiro rascunho <i>(esta consulta)</i>	Foco: avaliação do texto Dinâmica: 2 encontros comunitários ou em nível pessoal
Outubro 2016 a janeiro 2017	Consulta capitular <i>(Comissão Preparatória do capítulo)</i>	Foco: compartilhar a vida Dinâmica: 3 conversas por grupos
Fevereiro-Junho 2017	Segundo rascunho <i>(Comissão das Constituições)</i>	Foco: avaliação do texto Dinâmica: encontros comunitários ou em nível pessoal

Nos meses de julho-agosto de 2017, a Comissão elaborará um terceiro rascunho a partir da consulta anterior e este será o projeto a ser apresentado no Capítulo Geral.

PARA TRABALHAR ESTE PRIMEIRO RASCUNHO

De acordo com o plano anterior, esta consulta sobre o primeiro rascunho é simples, mas pretende atingir a clareza suficiente para avançar nesta incumbência. Como dinâmica de trabalho, propomos:

- Abordar o estudo do rascunho em comunidade, dedicando uma reunião comunitária para introduzir a consulta (estas indicações gerais e a apresentação do rascunho), com um tempo de oração-meditação fraterna em torno das Constituições.
- Em continuação, deixar alguns dias para que os Irmãos possam ler pessoalmente o primeiro rascunho e refletir sobre o mesmo.
- E finalmente, um segundo encontro comunitário, onde possam dialogar sobre as questões gerais submetidas à consideração e dar sugestões concretas sobre o texto.

Um secretário irá recolher as contribuições com maior aceitação. Devido à escassez de tempo, pedimos que enviem suas contribuições através do file “2016-05_CONSTITUTIONS_QUESTION”. Nós não podemos assegurar o tratamento adequado das contribuições em papel.

Até **30 de setembro de 2016** é possível enviar a consulta para o seguinte e-mail: const@fms.it.

Quem quer dar sua contribuição pessoal, pode escrevê-la em outra cópia deste mesmo file “2016-05_CONSTITUTIONS_QUESTION” e enviá-lo diretamente para o endereço const@fms.it



APRESENTAÇÃO DO RASCUNHO

O texto que nós submetemos a consideração foi produzido a partir das seguintes orientações amplamente majoritárias que emergiram na consulta inicial:

1. **Manter** os princípios básicos e os valores maristas, mas revisar, com atenção, todo o texto.
2. **Clarificar** e diferenciar em alguns aspectos mais específico os aspectos “inspiradores” dos “normativos”.
3. **Simplificar** a estrutura geral e a expressão.
4. **Atualizar** a linguagem e alguns conteúdos, incorporando temas e referências posteriores a 1986.

Também temos tido contatos com o Dicastério da Vida Religiosa para explorar o alcance e as possibilidades desta revisão das Constituições.

- a) À luz desse diálogo, pudemos comprovar a **abertura para uma revisão em profundidade**, que deve sempre respeitar o marco do Direito canônico e conter os aspectos que este determina.
- b) No entanto, não é necessário que as Constituições digam tudo e qualquer mudança nelas supõe um processo complicado. Por esta razão, eles insistiram que temos autoridade suficiente para estabelecer nossos próprios textos institucionais do mais alto nível, sem precisar da aprovação do Vaticano para tudo. Em questão de carisma Marista, os Maristas são os melhores especialistas.
- c) Finalmente, diante de possíveis propostas que transformariam a natureza canônica do Instituto, o Dicastério não se sente com suficiente autoridade para mudar a forma de vida cristã que cristalizou o carisma de um Fundador, e que o Espírito tem confirmado ao longo da história, com frutos de santidade. Tal não impede que o mesmo carisma suscite novas formas de vida que, se necessário, a Igreja poderá reconhecer e acolher no seu seio. No segundo rascunho, podemos avaliar diversas propostas concretas.



Com todas essas considerações sobre a mesa, a Comissão de revisão começou a trabalhar em uma

proposta. Para começar, foram tomadas algumas opções básicas em matéria de estrutura, estilo e conteúdo.

A. ESTRUTURA

Escutando o desejo amplo de esclarecimento, simplificação e atualização, a Comissão começou a trabalhar a partir dos pontos exigidos pelo Direito canônico em algumas Constituições. Este “mínimo” de caráter essencialmente normativo, mais que uma obrigação a suportar, representa o vínculo explícito e formal que nos liga com a grande comunidade da Igreja e assim queremos vivê-lo. No entanto, esta não é a única ligação a estabelecer. Existem aspectos da nossa vocação mais inspiradores, que se conectam a outros níveis e não estão presentes no Direito da Igreja.

Com essa visão, propomos mover para outro espaço, mais essencial, tudo aquilo que no texto atual, tende a descrever o que somos chamados a ser e a viver. Materialmente, pode adotar a forma de preâmbulo, carta, ou mesmo adquirir uma personalidade equivalente o que seria uma “Regra de vida”, indissociavelmente associada às Constituições, que seriam sua tradução canônica. Tudo é concebido em um mesmo volume, evocando a integridade de nossa vida, que os redatores do texto atual queriam destacar. Um texto constitucional simples tende para uma maior estabilidade e sobrevivência, ao mesmo tempo em que a atualização e a flexibilidade são mais apropriadas em outro formato. Além disso, este preâmbulo, carta ou regra de vida pode reconhecer, em nível de Instituto, novas propostas de vida e missão que o Direito da Igreja ainda não contempla (pois a vida tende a estar à frente da norma).

É interessante ver que vários Institutos de Vida Consagrada têm estes dois textos na cabeça de sua vida e missão. A palavra “regra”, de profunda tradição, mistura-se com toda a história da vida religiosa desde as suas origens remotas. Agora, mais que “normas”, evocam um “caminho” que molda a vida daqueles que o percorrem e condensa as referências de sabedoria daqueles que têm transitado por ele; inspirando aqueles que agora estão em plena viagem, ou sentem o chamado para percorrê-lo.

B. ESTILO REDACIONAL

Em termos de expressão escrita, este rascunho é um ensaio incipiente. Ainda não é hora de procurar formulações definitivas. Temos agora de nos concentrar mais no conteúdo.

Entre os dois capítulos, você verá um estilo sutilmente diferente. O primeiro capítulo é escrito originalmente em inglês e o segundo, em espanhol, tanto na Regra como nas Constituições. Nós deixamos isso assim para que possam indicar-nos as suas preferências.

Os artigos que permanecem nas Constituições sofrem uma “revisão” mais ou menos profunda, de acordo com as contribuições recebidas na consulta inicial. Por outro lado, os artigos que estão incluí-

dos na Regra são “recriados” a partir do seu próprio conteúdo e da própria consulta.

Optou-se por manter essencialmente a 1ª pessoa do plural (nós) na elaboração das Constituições. Está bem integrado na cultura institucional. No entanto, na Regra propomos adotar a perspectiva da 2ª pessoa do singular (tu/você). Não se trata de um tom de “gestão” ou “vertical”, mas uma expressão de intimidade e de personalização, como é habitual nestes textos. No nosso caso, entendemos que o “sujeito”, que fala não é outro senão o mesmo das Constituições: a própria comunidade. Na Regra, esta mesma comunidade é direcionada para cada um dos seus membros e estes são convidados a manter um diálogo pessoal com ela. Desta forma, pretendemos evocar os dois polos da relação, o comunitário e o pessoal, sem que um dilua ou anule o outro. Ambos são reconhecidos e enriquecem-se mutuamente.

C. CONTEÚDO

Neste primeiro rascunho podem perceber um tom simples, também nos conteúdos. Embora não seja possível fazer sem teologia, acolhendo-a como companheira, sem destaque e menos ainda, uma determinada escola, que o tempo aposenta rapidamente. O Evangelho continua sendo a fonte básica de inspiração, com suas imagens e evocações. Nós também tentamos ir coletando felizes expressões que, nos últimos anos, têm encontrado uma grande acolhida entre nós. Em nenhum caso, é o lugar certo para um desenvolvimento das mesmas.

Um detalhe que submetemos à sua consideração na consulta é o de recuperar, como nome oficial do Instituto, aquele que nos legou São Marcelino, mesmo que guardemos nas Constituições este que nos colocou a Santa Sé durante todos esses anos. Consultado o Dicastério, já sabemos que é possível recuperá-lo. Havia muitas contribuições a este respeito e queremos verificar sua opinião. Certamente não é essencial, mas é significativo em um momento de “novo começo”.

Finalmente, propomos reduzir o número de capítulos, de 11 a 4 ou 5, integrando os conteúdos atuais em unidades mais amplas e compreensivas..

	REGRA	CONSTITUIÇÕES
1	Nas fontes do carisma	Nossa identidade de Irmão na Igreja
2	Uma aliança que nos faz Irmãos... <ul style="list-style-type: none"> • Consagrados • Em Comunidade • Em busca de Deus • Para a missão 	A vida no Instituto <i>Nossa vida como Irmãos</i>

3	Sempre em caminho...	Pertença <i>Nosso caminho como Irmãos</i> <ul style="list-style-type: none"> • <i>Formação</i> • <i>Admissão</i> • <i>Separação</i>
4	E em permanente atitude de serviço...	Governo & Administração <i>Nossa organização como Irmãos</i>

Abril de 2016
 Comissão de Revisão das Constituições
 Tony Clark
 António Leal
 Eduardo Navarro
 Albert Nzabonaliba
 Antonio Peralta
 Josep M. Soteras

P.S. Pedimos que entreguem o rascunho da Regra e das Constituições aos Irmãos da comunidade, para que possam ler e refletir seu conteúdo.

REGRA DE VIDA

PRIMEIRA CARTA

NAS FONTES DE NOSSO CARISMA

Texto inspirado nos art. 2, 4, 5, 6, 7

Irmão,

1. Nossa identidade (carisma, espiritualidade e missão apostólica), como Irmãozinhos de Maria ou Irmãos Maristas, tem sua origem e inspiração no encontro amoroso e no pacto de fidelidade que foi se desenvolvendo entre Deus, Marcelino Champagnat e as primeiras comunidades de Irmãos, no início do século XIX, no sul da França. As primeiras comunidades de Irmãos presenciaram e se modelaram sobre esta inspiração.

2. Em meio às dificuldades de seus primeiros anos de vida e movido pelo Espírito Santo, Marcelino ficou cativado pelo amor incondicional de Jesus e Maria a todas as pessoas e a ele, pessoalmente. Respondeu generosamente a este profundo amor elegendo entregar-se totalmente ao seguimento de Jesus Cristo servindo a seus irmãos e irmãs como sacerdote diocesano. Dedicou sua paixão e imaginação em colaborar com outros Maristas no projeto de Fundação de uma nova família carismática dentro da Igreja: a 'Sociedade de Maria'. Queriam suscitar de novo a vida cristã, em uma Igreja que renascia em meio às mudanças culturais da França pós-revolucionária.

3. A crescente paixão de Marcelino por Deus e sua sensibilidade às necessidades religiosas e sociais abriram seus olhos e seu coração à ignorância religiosa e à falta de educação em que viviam tantos jovens das zonas rurais isoladas. Com o desejo de fazer a vontade de Deus, prontamente compreendeu que a missão que ele e outros maristas deviam empreender urgentemente, em nome da Igreja, era a de dar a conhecer Jesus Cristo e fazê-lo amar refletindo o rosto materno, compassivo e terno de Maria.

4. Enquanto ia se conformando a nascente Sociedade de Maria, Marcelino se convenceu da necessidade e importância do ramo de Irmãos como parte essencial do projeto Marista. Para Marcelino, os Irmãos tornam visível aos jovens o amor salvífico de Deus mediante a sua presença amorosa, seu serviço fraterno como professores e evangelizadores da fé e da vida por seu testemunho de comunhão. Dedicou-se logo, de todo o coração, na criação e aprovação de um Instituto de Irmãos que, recebendo o nome de Maria, chegasse a todas as dioceses do mundo para transmitir a educação cristã às crianças e jovens, especialmente aos pobres, vulneráveis ou

abandonados pela sociedade.

5. Ao escolher o nome de Maria e crendo que Ela fez tudo entre nós, o Padre Champagnat queria que seus Irmãos confiassem em seu amor e proteção maternais como à sua 'Boa Mãe', 'Recurso Habitual' e 'Primeira Superiora'. Quis que seus Irmãos a imitassem em sua resposta à chamada de Deus para converter-se em Mãe e prefeita discípula de Jesus Cristo.

Irmão, aprende a seguir Jesus como Maria, contemplando sua vida nos evangelhos e fazendo teu seu espírito em tuas atitudes e em toda tua vida como discípulo de Jesus. Procurar que Maria seja conhecida e amada como caminho para ir a Jesus, atualiza nosso lema: Tudo a Jesus por Maria; tudo a Maria para Jesus.

6. O último e mais vivo desejo de Marcelino foi que, como os primeiros cristãos, os Irmãos se amassem uns aos outros como Cristo nos amou, unidos em um só coração e um mesmo espírito. Nossa chamada fundamental como Irmãos é dar testemunho alegre e profético de uma comunhão de vida fraterna, ali onde nos encontramos. É o que conhecemos como 'espírito de família'. Conscientes do amor que Jesus tem para cada um de nossos irmãos e irmãs e de que está presente em cada um deles, o espírito de família se desenvolve quando damos e recebemos amor. Como Irmãos, este amor nos leva a perdoar; a ser atentos com os demais e fazer-nos presentes neles; a permanecer abertos e sensíveis a suas necessidades; a brindar apoio e ajuda quando seja necessário; a praticar o esquecimento de si mesmo; e a fazer tudo isto com alegria e bom humor. Nossa irmandade é uma fonte de energia para a missão. A prática da espiritualidade de comunhão não se limita aos Irmãos de comunidade, mas se estende a quantos acolhemos e oferecemos hospitalidade e compromisso de oração, solidariedade e serviço.

7. Irmão, o carisma de Marcelino Champagnat é um dom do Espírito Santo para nosso Instituto, para a Igreja universal e ao mundo inteiro. Como todo carisma, o nosso marista nos impulsiona a desenvolver um amor íntimo e uma relação filial com Deus, com os demais e com a criação. Trabalhamos juntos na construção e unificação do corpo de Cristo. Nosso carisma marista promove a espiritualidade mariana de comunhão fraterna na missão de educação e evangelização dos jovens que nos confiou Marcelino Champagnat.

Nosso carisma é um manancial de água viva, que se estende por toda a terra. Ao beber dessa 'água' sacias tua sede, renovas tua inspiração e energia e te convertes em 'água viva', sendo Boa Notícia de vida e esperança para outros, especialmente para os jovens mais pobres, marginalizados e abandonados. Nosso carisma continuará crescendo e encontrará novas expressões na medida em que cada marista busque encarná-lo e partilhá-lo em sua própria cultura, ambiente e experiência de vida.

8. A espiritualidade que Marcelino Champagnat confiou aos Maristas através de gerações, está centrada no amor a Jesus e seu evangelho; é essencialmente mariana e apostólica. Funda-se no dinamismo do mistério da Trindade, brota do amor paterno e materno de Deus para nós, se desenvolve por nossa entrega aos demais e nos leva ao Pai. Esta espiritualidade se encarna e unifica quando encontra a Deus na vida cotidiana, levamos tua vida pessoal, comunitária e apostólica na oração e asseguramos que esta se prolongue em todos os aspectos de tua vida.

9. Dispomos de alguns elementos substanciais, inspirados no ensino e exemplo de Marcelino, que podem alimentar tua vivência da espiritualidade marista: ter consciência da presença de Deus em tua vida; desenvolver uma absoluta confiança na graça de Deus e sua Providência;

viver o amor de Deus revelado nos mistérios de Belém, da Cruz e do Altar; viver com criatividade e a fraternidade no espírito de família; procurar viver as virtudes marianas de simplicidade e humildade em tuas relações com Deus, com teus irmãos, com outras pessoas e com toda a criação; oferecer generosamente tua vida e talentos ao serviço da Igreja, fazendo o bem sem alarde e trabalhando com diligência e generosidade... O seguimento de Jesus como Maria leva à plenitude nossa vida cristã e nossa espiritualidade. Maria é nossa ‘irmã na fé’. Ela nos ensina a encontrar a Deus em todas as coisas, a meditar sua palavra, a cantar a grandeza de Deus, a proclamar sua salvação e a colocar nossa vida ao serviço da justiça.

10. Em cada geração se dão novas formas de ser irmão, novos modos de viver e de construir a

Igreja, novas formas de partilhar a missão marista. Os que se consideram Maristas bebem juntos a água viva do carisma de Marcelino Champagnat, partilham a riqueza de viver e ser formados na espiritualidade marista segundo suas respectivas vocações e se responsabilizam em promover todos os aspectos de sua missão.

Recorda, Irmão, que partilhas com todos os batizados a vocação à santidade e a responsabilidade de difundir o evangelho. Como Irmão marista, desempenhas um papel importante em promover uma espiritualidade de comunhão e um estilo mariano de ser Igreja entre todos os que se sentem motivados pelo carisma de Marcelino. Ao viver tua vida consagrada como Irmão marista, és o rosto de Jesus-irmão, sinal da ternura maternal de Deus e do amor fraterno de Cristo. Conforme as palavras de Marcelino, Irmão, “sê fiel à tua vocação; ama-a e persevera nela com inteireza”.

SEGUNDA CARTA

UMA ALIANÇA QUE NOS FAZ IRMÃOS... ...CONSAGRADOS

Texto inspirado nos art. 12, 13, 14, 16, 18

Irmão,

1. A chamada que sentes em teu coração para viver os conselhos evangélicos na nossa família religiosa, provém do Pai e passa pelo amor pessoal de Cristo: Jesus te olha com carinho e te elege. Este olhar é um convite a que vivas a graça batismal no seguimento de Cristo casto, pobre e obediente entre teus irmãos e irmãs.

2. Jesus te revela o rosto misericordioso e terno do Pai e seu desejo de viver contigo uma alian-

ça de amor: chama-te pelo teu nome, te leva ao deserto, te fala ao coração e quer encarregar-te de uma missão.

3. Surpreendido e transbordante de agradecimento, acolhe livremente na fé a chamada do Senhor que sussurra em teu ouvido “Vem e segue-me” e deixa-te guiar pelo impulso do Espírito que faz de ti uma nova criatura.

4. Contempla, pleno de surpresa, a paixão deste Deus pela humanidade que envia Jesus para dar

vida ao mundo e ser irmão de todos. Ele passa pela vida fazendo o bem e pondo em marcha o Reino de Deus. Na sua Páscoa, Jesus consagra a humanidade ao Pai e estabelece a nova Aliança. Jesus te presenteia o seu Espírito para que colabores na missão de Deus.

5. Tua aliança, vivida em uma comunidade fraterna e apostólica, e tua fidelidade cotidiana ao Espírito das bem-aventuranças do Reino, vão te convertendo em um sinal humilde da dimensão mística e profética da vida consagrada: com tua experiência de Deus, o cuidado pela vida, as penas e a criação, e com tua vida simples e fraterna,

expressas que se pode viver de modo alternativo e denuncias tudo aquilo que se opõe ao plano de Deus.

Com a alegria de quem encontra uma ‘pérola preciosa’, integra com liberdade e confiança as formas de renúncia e desprendimento do discípulo que segue o Mestre.

6. Contempla Maria como modelo em teu itinerário de consagrado: aprende dela a escutar e a dizer “sim” ao projeto de Deus. E acolhe em teu coração o ideal que Marcelino propunha a seus primeiros discípulos: Fazer-se irmão é comprometer-se a ser santo.

...EM CASTIDADE

Ama com ternura (Miq 6,8)

Texto inspirado nos artigos 19, 21, 22, 24, 27

Irmão,

7. Coloca teu olhar em Jesus que vive (prazerosamente) o seu celibato pelo Reino. Como caminho de amor ao Pai e à humanidade. Contempla-o próximo e cordial, respeitoso com todos e sensível a qualquer miséria, simples e bondoso, capaz de suscitar o melhor no coração daqueles com quem se encontra. Nas pegadas desse amor apaixonado e terno estás chamado a caminhar como Irmão.

8. Só o amor intenso por Jesus e seu projeto te permitirá viver com prazer e fecundidade o dom da castidade no celibato. Nela consolidarás tua capacidade de amar e, pouco a pouco, te irás fazendo “Irmão”, pois não podes amar a Deus invisível se não aprendes e experimentas o amor na comunidade visível com teus irmãos e irmãs.

9. O voto de castidade toca em cheio tua capacidade afetiva e sexual, tua capacidade de ter-

nura e tuas relações de alteridade. É um projeto e uma promessa de vida, mas não podes te enganar quanto a dificuldade do voto. Dificuldade que não procede só da abstinência sexual, senão de grande aprendizagem que supõe para ti e para cada Irmão, orientar teus afetos e tua capacidade de ternura em dinâmica da Boa Notícia: Amar, de verdade, as pessoas e, sobretudo os pequenos e não perder a liberdade ante nossas tendências possessivas, é um processo que dura toda uma vida. É uma aprendizagem lenta e necessitas acompanhantes para percorrer este caminho.

10. Cultiva a amizade, que é dom de Deus e rosto humano de seu amor. Ama com ternura, respeito e compaixão as crianças e jovens com quem de encontras na missão. Ama a todos e acolhe o amor que eles te brindam como carícia de Deus para o teu coração sedento. Mas, não esqueças que só Ele pode plenificar tua necessidade profunda de amor.

11. Seja consciente da fragilidade de teu coração e cuida com liberdade e transparência teus vínculos, para evitar relações possessivas e viver assim um coração unificado e prazeroso. Viva um amor gratuito e descentrado de ti, superando o medo e a fuga que suscita o amor total. Cultiva a solidão como caminho para encontrar-te com teu ser mais profundo e autêntico. Nutra cada dia tua vida com uma intensa relação afetiva com o Deus de Jesus, que leva em seu coração as vidas de todos aqueles que se relacionam contigo e com teus Irmãos.

12. Quando tua vida reflete a fascinação por Deus e pelo ser humano; quando transborda humanidade e espiritualidade, teu celibato tem plena razão de ser, mesmo que possa parecer uma contradição para nossa cultura atual. Quando vives a delicadeza com as pessoas, a pureza de coração e o amor terno com quem a sociedade menospreza, experimentas a beleza de tua vocação de Irmão, que te realizas como memória viva de evangelho para nosso mundo.

...EM POBREZA

Pratica a justiça (Miq. 6,8)

Texto inspirado nos artigos 30, 31, 33, 35

Irmão,
13. Em seu amor para conosco, Cristo, que sendo rico se fez pobre, nos desafia em participar de sua pobreza. Nasce e vive em uma família pobre que vive do trabalho de suas mãos. Anuncia aos pobres a boa notícia do Reino e os proclama bem-aventurados.

14. Alegra-te com Maria que valoriza as maravilhas do Senhor em ti e em cada pessoa. Com ela vais aprendendo a descentrar-te de ti mesmo; a partilhar com os humildes, a tratá-los com ternura; a indignar-te por sua situação e a comprometer-te por sua causa. Come ela, vais crescendo em atenção e docilidade ao Espírito para que modele em ti um coração de pobre.

15. Aprende de Marcelino e dos primeiros Irmãos a confiança audaz na Providencia, a preferência pelos mais necessitados, e a pobreza criativa e simples para dedicar-se a eles. Deixa-te interpelar por sua recomendação final: Mantem-

de-vos em um espírito de pobreza e desprendimento.

16. Por amor a Jesus, siga seu caminho com liberdade e alegria. Conformar-te com ele e te vai convertendo em profeta que anuncia o modo concreto em que ele viveu. Com a força transformadora da boa nova te reconheces como Filho do Pai e irmão de todos; vais te fazendo pobre e saís ao encontro dos pobres para levar-lhes o consolo e a libertação. Com gratuidade e progressiva coerência, te entregas cada dia até chegar, com o mesmo Senhor, à entrega total e amorosa de tua vida.

17. Como Jesus, caís em conta que recebeste tudo do Pai. Com consciência de tuas limitações, experimentas seu consolo de Pai e Mãe. Esta consciência te ajuda a abrir-te aos demais, a participar e a fazer tuas as suas alegrias e tristezas, e a levar calor aos seus corações quando os brindas com teu tempo e pessoa.

18. O seguimento de Jesus pobre implica que vás aprofundando em seu caminho de rebaixamento; que cresças em liberdade e coerência evangélica; que te libertes da tentação da eficácia, do consumismo e do poder. Mostra-te disposto ao compromisso com todo homem de boa vontade na luta por um mundo mais justo e solidário.

19. Ao consagrar-te a Deus e aos homens, assumes o compromisso pela defesa da vida em toda a criação. Para contribuir no cuidado da natureza, ao equilíbrio ecológico, a defesa dos pobres, ao respei-

to e à fraternidade, apostas por um estilo de vida austero, sóbrio e responsável que leva em conta o bem comum a escala ampla e a longo prazo.

20. Com uma vida simples e entregada, manifestas, da melhor maneira, que és um homem pobre ao serviço dos pobres. Aprende a ver o mundo através de seus olhos. Deixa-te evangelizar por eles e converte-te em testemunha alegre e credível da misericórdia do Pai. Que pouco a pouco te assemelhes a Cristo, servo pobre e irmão universal.

...EM OBEDIÊNCIA

Caminha humildemente com teu Deus (Miq. 6,8)

Texto inspirado nos artigos 38, 39, 41, 42, 43, 44, 45, 46

Irmão,

21. Como Irmãozinho de Maria, te fazes discípulo da Serva do Senhor e respondes ao seu convite: Façam o que ele lhes diga.

Dela aprendes docilidade ao Espírito e obediência lúcida e corajosa. Ela, desde a anunciação do Anjo, faz de toda sua vida um “Sim” e é bem-aventurada porque escuta e põe em prática a Palavra de Deus. Ao pé da cruz se converte em mãe dos crentes e acompanha a Igreja nascente mediante a ternura e o serviço.

22. Marcelino quer fazer antes de tudo a vontade de Deus. Como ele, vais aprendendo a obedecer em espírito de fé; a ser ativo na busca da vontade de Deus através da oração, a consulta e a mediação dos superiores; e a colocá-la em prática a pesar das contradições.

23. Filho muito amado de Deus, te fazes como

Cristo, servidor de teus irmãos. Coloque o melhor de ti mesmo ao serviço de todos na comunidade e na missão apostólica. Viva o mistério da obediência encontrando a Deus nos acontecimentos e ocupações ordinárias. Nessa obediência cotidiana, prepara-te para manter-te firme quando as dificuldades chegarem. Na fidelidade humilde conseguirás a unificação de tua pessoa no amor e a maturidade espiritual na liberdade dos filhos de Deus. A aceitação da morte pela confiada entrega da vida será teu último ato de obediência filial.

24. Do chamado amoroso do Pai, por meio do Espírito, nasce a fraternidade. Apesar de teus limites e dos de teus irmãos, a obediência se constrói quando todos acrescentam ao espírito de comunhão a fidelidade interior às moções do Espírito.

Como discernimento espiritual, com o diálogo sincero e livre com os responsáveis e com todos os irmãos, será mais fácil responder ao projeto do Pai. Haverá ocasiões em que tenhas de renunciar

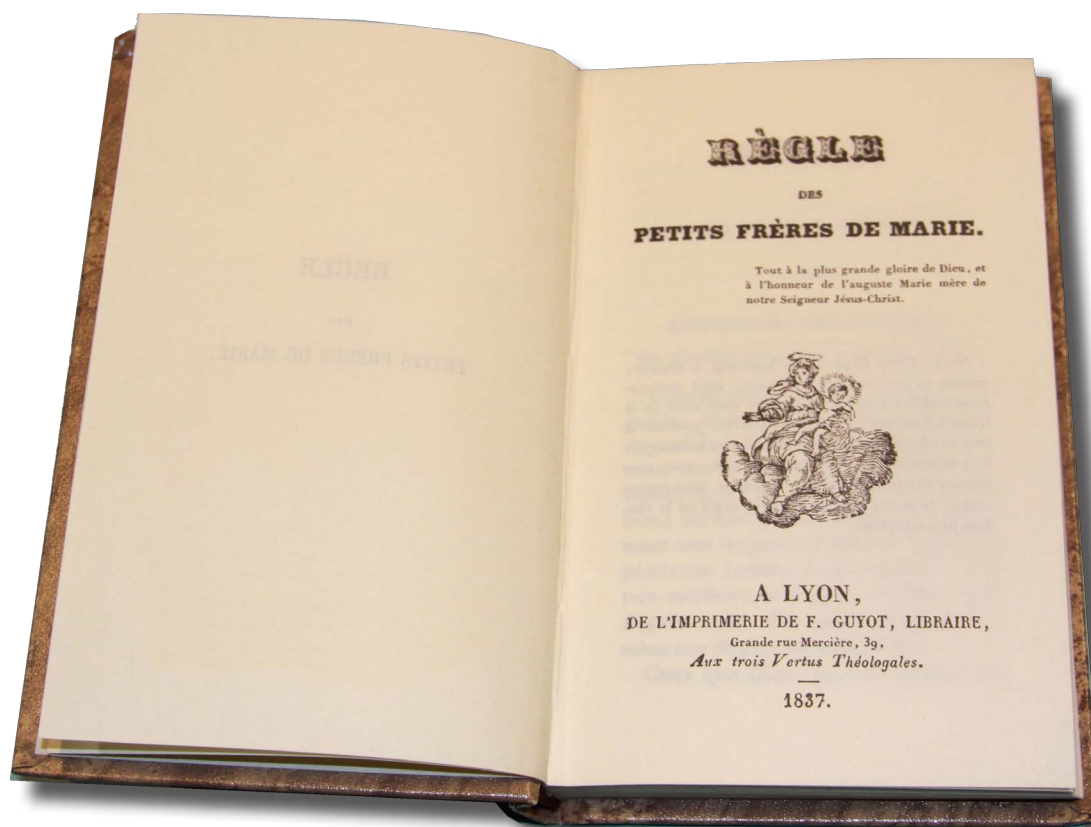
às tuas posturas para aceitar aquilo que a comunidade, e quem realiza o serviço de mediação, considerem um bem melhor na busca honesta da vontade de Deus.

25. Também como comunidade, Províncias e Instituto inteiro, exercitamos a obediência na busca constante da vontade de Deus. Isto é especialmente importante em nossa era de mudanças aceleradas e de renovação constante. Participa com teus irmãos nesses discernimentos, em ambiente de oração e com visão de fé. Mantenha-te atento à Palavra de Deus e busca ser fiel ao carisma fundacional e aos sinais dos tempos. Seja generoso para renunciar a interesses pessoais ou de grupo e ganhar em liberdade interior.

26. Que a obediência evangélica seja expressão de tua liberdade e disponibilidade para participar na missão profética de Cristo e da Igreja. Sabes

que a lógica evangélica transtorna nossa lógica humana de autonomia, eficiência, busca do êxito e reconhecimento. Por isso, mantenha-te atento à tua debilidade e com fortaleza denuncia as ideologias ou pessoas que buscam abusar do poder, violam os direitos humanos ou fazem da autonomia individual um absoluto. Adere-te ao Senhor de Jesus, servo obediente que não veio para ser servido mas para servir.

27. Quando realizas o serviço da autoridade, desempenhas tua missão a exemplo de Cristo servindo a teus irmãos com simplicidade. És chamado a ser o primeiro em obedecer e a convidar a teus irmãos a edificar uma comunidade fraterna que busque e ame somente a Deus, seguindo Jesus Cristo. Esteja atento à ação do Espírito em ti e em teus irmãos. Dedicar-lhes tempo para escutá-los, animá-los e discernir com cada um deles o que o Senhor lhes via pedindo.





CONSTITUIÇÕES

Rascunho - Maio 2016

CAPÍTULO 1

A IDENTIDADE DO IRMÃO MARISTA NA IGREJA

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>1. Marcelino Champagnat fundava, em 2 de janeiro de 1817, o Instituto religioso laical, ou Instituto religioso de Irmãos (1), sob o nome de Pequenos Irmãos de Maria (2). Considerava-o como um ramo da Sociedade de Maria (3). A Santa Sé aprovava-nos em 1863 como Instituto autônomo e de direito pontifício. Ao mesmo tempo em que respeitava nosso nome de origem, dava-nos o de Irmãos Maristas das Escolas (F.M.S. - Fratres Maristæ a Scholis) (4).</p>	<p>1. No dia 2 de janeiro de 1817, Marcelino Champagnat reuniu em comunidade os dois primeiros membros que seriam conhecidos como Irmãos Maristas ou Pequenos Irmãos de Maria (1), um Instituto religioso de Irmãos (2). Marcelino via-os como um ramo da Sociedade de Maria (3). Em 1863 a Santa Sé os aprovou como Instituto autônomo de direito pontifício, e lhes deu o nome de Irmãos Maristas das Escolas (F.M.S. – Fratres Maristae a Scholis) (4).</p>
<p>3. O amor que o Espírito Santo derrama em nossos corações (1) torna-nos participantes do carisma de Marcelino Champagnat e orienta todas as nossas energias para esta única meta: SEGUIR O CRISTO, COMO MARIA, em sua vida de amor ao Pai e aos homens (2). Procuramos viver este ideal em comunidade. Pela profissão dos votos de castidade, de pobreza e de obediência, comprometemo-nos a viver os conselhos evangélicos. Tal engajamento faz de nós testemunhas e servidores do Reino de Deus. Nosso caráter de Irmão é um apelo específico</p>	<p>2. O amor que o Espírito Santo derrama em nossos corações (1) nos inspira a partilhar o dom do carisma de Marcelino Champagnat, e orienta todas as nossas energias para alcançar este último fim: SEGUIR O CRISTO COMO MARIA em sua vida de amor ao Pai e a todos os nossos irmãos e irmãs. Damos testemunho e vivemos este ideal em comunidade de Irmãos. Comprometemo-nos por voto a viver plenamente os conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência. Este compromisso nos impulsiona a ser alegres testemunhas e profetas do evangelho, promotores de comu-</p>

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>co a viver, para com todos, a fraternidade de Cristo, especialmente para com os jovens, amando-os gratuitamente (3). As Constituições, aprovadas pela Santa Sé, guiam-nos na realização de nossa consagração e na fidelidade às intenções do Fundador.</p>	<p>nhão e servidores do Reino de Deus. Nossa vocação de Irmão é um apelo fundamental a ser irmãos de Cristo, irmãos entre nós e irmãos de todos, em especial aos jovens mais pobres e necessitados, amando-os gratuitamente (3). Nossas Constituições, aprovadas pela Santa Sé, nos guiam na vivência de nossa consagração e na realização das intenções do Fundador.</p>
<p>8. O Instituto é formado por Irmãos professos temporários e perpétuos. Tornamo-nos seus membros pela profissão religiosa. Irmãos de uma mesma família, estamos unidos pela caridade e pela obediência às Constituições. Os Noviços, que iniciam sua vida no Instituto, participam das vantagens espirituais de nossa família religiosa. Certas pessoas podem ser filiadas ao Instituto e se beneficiar de favores semelhantes. O Instituto está dividido em Províncias e em Distritos que agrupam as casas. Cada Província, ou Distrito, é animada e governada por um Superior e seu Conselho, sob a autoridade do Irmão Superior Geral e seu Conselho.</p>	<p>3. O Instituto, do qual somos membros mediante a profissão religiosa, está integrado por Irmãos professos temporários e perpétuos. Irmãos de uma mesma família religiosa, estamos unidos pelo amor fraterno (1) e pela obediência às Constituições (2). Os Noviços, que iniciam sua vida no Instituto, participam dos bens temporais e espirituais de nossa família religiosa. Os fiéis, leigos e clérigos e outros religiosos que desejam viver o carisma de Marcelino, a espiritualidade e a missão maristas, também podem partilhar uma especial associação com o Instituto (3). Alguns Leigos, que com suas vidas mostram os valores e as virtudes maristas fundamentais, podem ser afiliados ao Instituto ou a uma Província. Igualmente os noviços participam de nossos benefícios espirituais e cuidados fraternos. O Instituto se divide em Províncias e Distritos, ambos formados por um conjunto de casas. Cada Província ou distrito é animado e governado por um Superior Maior com seu Conselho, sob a autoridade do Irmão Superior Geral com seu Conselho.</p>
<p>9. O Instituto, espalhado pelo mundo e encarnado em diferentes culturas, constrói sua uni-</p>	<p>4. Como Instituto internacional presente em todos os continentes e em muitas e diversas</p>

TEXTOS ATUAIS (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>dade sobre o patrimônio espiritual herdado do Padre Champagnat e transmitido por seus discípulos (1). Essa unidade exige a comunhão de oração e de vida fraterna, ação apostólica coordenada e o serviço da autoridade em todos os níveis.</p> <p>Formamos Comunidade em torno de Maria, nossa boa Mãe (2), como membros de sua família. Esforçamo-nos por permanecer fiéis ao Espírito de Jesus ressuscitado que nos dá, como aos cristãos da primitiva Igreja, a graça de vivermos num só coração e numa só alma (3).</p>	<p>culturas, nossa unidade se fundamenta no patrimônio espiritual legado por São Marcelino Champagnat e transmitido por seus discípulos (1). Esta unidade exige comunhão de discernimento e oração, uma vida que testemunhe a fraternidade internacional, uma ação apostólica global coordenada e o serviço da autoridade em todos os níveis.</p> <p>Formamos comunidade em torno de Maria, nossa boa Mãe (2), como membros que somos de sua família. Esforçamo-nos por permanecer fiel ao Espírito de Jesus ressuscitado, que nos concede como aos cristãos da primitiva Igreja, a graça de viver com um só coração e uma só alma, compartilhando nossos bens (3) e a coragem para sair e fazer discípulos em todas as nações (4).</p>
<p>10. A consagração religiosa nos une de maneira especial à Igreja e a seu mistério. No seio do povo de Deus, damos o testemunho profético e alegre de uma vida inteiramente dedicada a Deus e aos homens (1). Fiéis ao carisma do Instituto, colaboramos na pastoral da Igreja local. Como Marcelino Champagnat, temos profundo respeito e amor ao Papa, em quem reconhecemos nosso Superior supremo (2). Manifestamos nossa fé e cooperamos para a unidade do Corpo de Cristo por nossa adesão ao ensinamento e às diretivas da Igreja.</p> <p>Conforme o desejo do Fundador, nossa caridade estende-se a todos os outros Institutos (3). Entretanto, laços particulares nos unem às diversas famílias oriundas da Sociedade de Maria com as quais queremos irradiar na Igreja o espírito de Maria que nos é comum.</p>	<p>5. A consagração religiosa nos une, de maneira especial, à Igreja e ao seu mistério. No seio do povo de Deus, e da ampla família espiritual marista, esforçamo-nos para oferecer o testemunho profético e alegre de uma vida totalmente dedicada a Deus e aos homens (1). Fiéis ao carisma do Instituto, colaboramos na pastoral da Igreja local. Como Marcelino Champagnat, amamos e respeitamos profundamente o Papa, por quem, por obediência, reconhecemos como Superior supremo (2). Manifestamos nossa fé e cooperamos para a unidade do Corpo de Cristo, esforçando-nos por bem viver de acordo com o ensinamento e orientações da Igreja.</p> <p>Conforme o desejo do Fundador, nosso amor fraterno se estende a todos os demais Institutos (3). Compartilhamos laços peculiares que nos unem aos outros ramos da Família Marista com os quais queremos ser o rosto materno da Igreja (4) mediante nossa maneira de ser e de construir a Igreja.</p>

CAPÍTULO 2

CONSAGRAÇÃO NOSSA VIDA COMO IRMÃOS - A VIDA NO INSTITUTO

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>11. Deus escolhe homens e os chama, cada qual pessoalmente, para conduzi-los ao deserto e falar-lhes ao coração (1). Reserva para si aqueles que o escutam. Converte-os sem cessar por seu Espírito e os faz crescer em seu amor para enviá-los em missão (2). Nasce assim uma aliança de amor em que Deus se dá ao homem e o homem a Deus, aliança que a Escritura compara a esposais (3). É no coração dessa aliança que se situa a dinâmica da consagração.</p>	<p>1. Deus tem uma promessa de vida e vida em abundância para toda a humanidade e para cada um de nós. Atentos à presença de Deus em nossos corações, experimentamos sua misericórdia infinita e seu terno amor de Pai e Mãe. Em resposta a este amor nos sentimos chamados a consagrar nossas vidas, como religiosos Irmãos, para continuar a missão de Jesus e ser sinais de fraternidade para o nosso mundo.</p>
<p>15. A Deus, que nos consagra pelo ministério da Igreja, respondemos pela profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência (1).</p>	<p>2. Como Irmãos, expressamos este compromisso pela profissão dos conselhos evangélicos de castidade, pobreza e obediência, consagração que tem suas raízes no batismo e expressa nosso desejo de viver inteiramente para Deus. (c 573.2; 598.2; 607.2; 654; 670; 1192.1)</p>
<p><i>15.1 Renovamos em comunidade nossa profissão religiosa uma vez por ano, durante o retiro anual ou no dia da Assunção, ou então por ocasião de outra festa mariana.</i></p>	<p><i>2.1. Renovamos, em comunidade, nossa profissão religiosa uma vez ao ano, no retiro, no dia da Assunção ou em outra festa mariana.</i></p>
<p>15b. Exprime-se essa profissão por votos públicos (2) feitos na Igreja e recebidos pelo Superior. Engaja-nos a viver conforme o direito universal e o direito próprio do Instituto (3). Por sua vez, este nos acolhe como membros e nos assegura o necessário para atingirmos o fim de nossa vocação.</p>	<p>3. A profissão é também uma aliança pela qual os Irmãos se comprometem, com total liberdade, a viver segundo as Constituições do Instituto. Este nos acolhe como seus membros e nos facilita as condições espirituais e materiais, para realizar nossa vida e missão de Irmãos. (c 573.2; 598.2; 607.2; 654; 670; 1192.1)</p>

TEXTOS ATUAIS (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>15.2 A Província garante o necessário aos Irmãos. Provê-lhes a formação humana, espiritual e profissional, inicial e permanente. Atende a suas necessidades de saúde e os filia à previdência social (c 670; cf. 161.8).</p>	<p>3.1. A Província proporciona aos Irmãos aquilo que necessitam. Garante sua formação humana, espiritual e profissional, tanto inicial como permanente. Atende as suas necessidades no que toca à saúde e lhes facilita a devida seguridade social. (c 670)</p>
<p>17a. Consagrados, vamos aos outros, especialmente aos jovens, a fim de revelar-lhes Jesus Cristo. A ação apostólica é inerente à própria natureza de nossa família religiosa (1). Fiéis ao Padre Champagnat, como nossos primeiros Irmãos, devotamo-nos inteiramente à missão que a obediência nos confia, de acordo com a finalidade do Instituto e em comunhão com a Igreja.</p>	<p>4. Consagrados como religiosos Irmãos, somos enviados para “dar a conhecer a Jesus Cristo e fazê-lo amar”, especialmente às crianças e jovens. A missão apostólica, em comunhão com a Igreja, forma parte da identidade de nossa família religiosa. (c 677.1)</p>
<p>17b. Mantemo-nos atentos para que nossa ação apostólica proceda sempre de íntima união com Deus, fortifique essa união e a favoreça.</p>	<p>5. Como Irmãos, dedicamo-nos com paixão à missão a nós confiada. Esforçamo-nos em ser contemplativos na ação e ativos na contemplação, para que nossa tarefa apostólica seja fecunda em frutos de evangelho. (c 677.1)</p>
<p>CONSELHO EVANGÉLICO DE CASTIDADE</p>	
<p>20a. Pelo conselho evangélico de castidade, Jesus convida-nos a viver como ele, totalmente para Deus e para os outros. Nosso compromisso no celibato “por causa do Reino dos céus” (1) é resposta a esse apelo e anúncio desse Reino; realiza na terra a união com Deus sem a mediação do cônjuge e nos faz viver como irmãos universais (2).</p>	<p>6. Para pertencer plenamente a Deus com um coração indiviso e seguir de perto a Cristo nós Irmãos, elegemos a castidade no celibato pelo Reino dos Céus. Nosso celibato consagrado é memória antecipada da Ressurreição e evoca a aliança de amor de Cristo com sua Igreja. (c 598.1)</p>
<p>20b. Emitindo o voto de castidade, aceitamos o dom do Pai (3) e nos comprometemos com</p>	<p>7. No seguimento de Jesus casto nós, Irmãos, nos comprometemos a viver a castidade per-</p>

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>Cristo numa relação de amor único e sem reserva. Renunciamos ao amor conjugal, à paternidade humana, e vivemos a continência perfeita no celibato (4).</p>	<p>feita no celibato. Desta maneira acolhemos o dom do Pai e nossa resposta se faz entrega generosa e gratuita, vivendo como “irmãos de todos”, especialmente das crianças e jovens pobres. (c 598.1)</p>
<p>23a. Nossa comunidade é o lugar de aplicação mais imediato do amor universal no qual nos empenhamos. Este amor exprime-se também na acolhida aos que nos procuram. O amor para com nossos Irmãos será simples e cordial, bastante atento para adivinhar suas dificuldades, bastante humilde para partilhar suas alegrias, bastante generoso para nos doar a todos.</p>	<p>8. Nossa comunidade é o solo onde vai crescendo o amor universal pelo qual nos comprometemos. O amor a nossos Irmãos é simples e cordial, atento para adivinhar suas dificuldades, humilde para compartilhar suas alegrias e generoso para entrega-nos a todos. (c 602)</p>
<p>23b. A vida fraterna é excelente apoio para o aperfeiçoamento de nossa castidade (1). Nos momentos em que se torna pesada a solidão do celibato cada um deve poder contar com a compreensão de seus irmãos. A amizade deles favorece nosso equilíbrio pessoal. O espírito de fé e a confiança recíproca facilitam a abertura, a partilha e, se preciso for, a interpelação.</p>	<p>9. A vida fraterna é um excelente apoio para o nosso desenvolvimento como pessoas e para a vivência de nossa castidade. Nos momentos de maior solidão contamos com a ajuda e a compressão dos Irmãos. Sua amizade alegra nosso coração e favorece nosso equilíbrio pessoal. O espírito de fé e de confiança recíproca facilitam a abertura, a partilha e a interpelação. (c 602)</p>
<p><i>23.1. Na comunidade nos pomos de acordo para acolher as pessoas de modo simples e prudente. Os tempos de oração, de trabalho e de repouso, indispensáveis à vida comunitária, serão resguardados (cf. 62).</i></p>	<p><i>9.1 A acolhida em comunidade se decide de comum acordo. Ficam garantidos os tempos de oração, trabalho e descanso, indispensáveis à vida comunitária.</i></p>
<p>25. Para alimentar nossa relação de amor com o Senhor, somos fiéis ao encontro com ele na oração, especialmente na meditação. Deste modo, podemos assumir em paz a solidão inerente ao celibato.</p>	<p>10. A castidade, fruto de nossa intimidade com o Senhor, é uma graça que nós, os Irmãos, pedimos com humildade através da oração, da Eucaristia e a reconciliação. Buscamos em Maria Virgem a inspiração e apoio</p>

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>Comungando o Corpo de Cristo, encontramos a força para prosseguir nossa caminhada em meio às dificuldades, diferentes conforme as culturas, os temperamentos e as etapas da vida.</p> <p>Nas tentações e lutas, abrimo-nos à ação de Cristo, que cura nossas feridas, liberta-nos de nossos desejos egoístas, torna-nos filhos da ressurreição (1). Valemo-nos também da direção espiritual e do sacramento da reconciliação, fontes de amor renovado.</p>	<p>para a aprendizagem da vida de castidade. Ao acolhê-la em nossa casa, aprendemos a amar a todos para ser sinais vivos da ternura do Pai. (c 630.2)</p>
<p>26. A ascese cristã, pelas renúncias (1) que supõe, ajuda-nos a atingir a maturidade no amor. Buscamos os meios que favorecem nosso equilíbrio físico e psíquico (2). Somos lúcidos e prudentes na escolha de nossos lazeres e no uso dos meios de comunicação social (3). Conformamos nossa conduta à voz da consciência delicada. Unidos ao Cristo em sua Paixão, aceitamos as provações da vida. Purificamos nosso coração, a fim de sermos inteiramente dele e livres para amar aqueles aos quais somos enviados.</p>	<p>11. Acolhemos e damos amor para crescer numa castidade fecunda e adulta. Vamos adquirindo a sabedoria de coração que nos permite integrar positivamente as renúncias que tem a existência humana e aquelas que vamos intuindo em nosso caminhar como religiosos. Escolhemos com lucidez o que favorece nosso equilíbrio e cuidado pessoal. (c.698.1; 666)</p>
<p><i>26.1. Para chegar ao domínio dos sentidos e do coração e assumir com equilíbrio nosso voto de castidade, empregamos os meios apropriados, sobretudo:</i></p> <p><i>1 educação e formação psicológicas nos domínios da sexualidade, da afetividade e das relações humanas;</i></p> <p><i>2 vida comunitária aberta e equilibrada.</i></p>	<p><i>11.1. Para conseguir o domínio dos sentidos e do coração, e assumir equilibradamente nosso voto de castidade, empregamos os meios adequados, especialmente:</i></p> <p><i>a) educação e formação psicológicas no campo da sexualidade, da afetividade e das relações humanas;</i></p> <p><i>b) vida comunitária aberta e equilibrada</i></p>

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
CONSELHO EVANGÉLICO DE POBREZA	
<p>28. Em seu amor por nós, Cristo, que de rico fez-se pobre (1), nos impele a partilhar de sua pobreza. Nasce em penúria (2), vive do trabalho das próprias mãos, anuncia aos pobres a Boa Nova (3) e proclama-os bem-aventurados. Consciente de que tudo recebeu do Pai, livremente abandona-se em suas mãos e despoja-se de si mesmo, a ponto de morrer numa cruz. Por amor, seguimos-lhe as pegadas para aprender dele como viver plenamente, na renúncia, nosso voto de pobreza.</p>	<p>12. Em seu amor pela humanidade, Cristo, que sendo rico se fez pobre, nos convida a participar na sua pobreza. Por amor a Jesus seguimos os seus passos e aprendemos dele como viver plenamente nosso voto de pobreza no desprendimento.</p>
<p>29. O conselho evangélico de pobreza implica uma vida pobre de fato e de espírito (1). Renunciamos a usar e a dispor de qualquer dinheiro ou de outro bem material, de algum valor (2), sem autorização. Conservamos, entretanto, a propriedade de nossos bens, a capacidade de adquirir outros e a de acrescentar ao patrimônio o que ele pode render; mas cedemos a administração a outros. Também, com a permissão dos Superiores, podemos renunciar a esse patrimônio (3).</p>	<p>13. Pelo conselho evangélico de pobreza nos comprometemos a ser pobres de espírito e de fato. Renunciamos a usar e dispor, sem autorização, de dinheiro ou de qualquer outro bem material de algum valor. Conservamos, entretanto, a propriedade de nossos bens, a capacidade de adquirir outros e de acrescentar ao patrimônio o que ele pode render; mas cedemos a outros a administração. Também podemos renunciar a este patrimônio com permissão dos Superiores. (c 598.1; 600; 668.1; 668.4)</p>
<p><i>29.1. Para usar dinheiro, o Irmão age sob a dependência de seu Superior imediato. Presta-lhe contas regularmente das quantias postas a seu dispor.</i></p>	<p><i>13.1. Para usar o dinheiro, o Irmão age sob a dependência do Superior imediato, a quem presta conta regularmente do montante colocado à sua disposição.</i></p>
<p><i>29.2. Para dispor de um presente em dinheiro ou em espécie, o Irmão precisa da autorização do Superior.</i></p>	<p><i>13.2. Para dispor de um presente, em dinheiro ou em espécie, o Irmão necessita autorização do Superior.</i></p>

TEXTOS ATUAIS (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>29.3. Antes da profissão, o noviço deve ceder definitivamente a administração de seus bens a quem ele quiser e dispor livremente do uso e do usufruto deles (c 668,1).</p>	<p>13.3. Antes da profissão, o noviço cederá a administração de seus bens a quem deseje e disporá livremente do uso e usufruto deles. (c 668.1)</p>
<p>29.4 Antes da profissão perpétua, o Irmão deve fazer um testamento válido no foro civil (c 668,1).</p>	<p>13.4. Antes da profissão perpétua, o Irmão fará um testamento, que seja válido segundo o direito civil. (c 668.1)</p>
<p>29.5 Para modificar esses atos, precisa da licença do Irmão Provincial ou, em casos urgentes, do Superior local (c 668,2).</p>	<p>13.5. Para modificar esses atos, será necessário a permissão do Irmão Provincial ou, em caso de urgência, do superior local. (668.2)</p>
<p>29.6 Tudo quanto o Irmão adquirir por seu trabalho ou por ser membro do Instituto, e o que receber a título de aposentadorias, subvenções, seguros, salários ou benefícios sociais, pertence ao Instituto (c 668,3).</p>	<p>13.6. Tudo o que o Irmão adquirir por seu trabalho ou por pertencer ao Instituto, e o que recebe a título de aposentadorias, subvenções, seguros, salários ou benefícios sociais, reverte ao Instituto. (c 668.3)</p>
<p>29.7 O que o Irmão recebe por seus direitos autorais pertence ao Instituto. As normas da Província, de acordo com a legislação do país, regulamentarão tudo quanto diz respeito a esses direitos.</p>	<p>13.7. O que um Irmão recebe por direitos autorais pertence ao Instituto. As Normas da Província, em conformidade com a legislação do país, regulamentarão tudo o que diz respeito a esses direitos.</p>
<p>29.8. Depois de dez anos de profissão perpétua, o Irmão pode renunciar a seu patrimônio. Dirige-se então ao Irmão Provincial que, com seu parecer e o de seu Conselho, transmite o pedido do Irmão ao Superior Geral, a quem compete a decisão (c 668,4; cf 150.1.4).</p>	<p>13.8. Depois de dez anos de profissão perpétua, o Irmão pode renunciar a seu patrimônio. Para isso dirige a petição ao Irmão Provincial que, com o seu parecer e de seu Conselho, o transmite ao Irmão Superior Geral, a quem compete tomar a decisão. (c 668.4; cf. 150.1.4)</p>
<p>29.9. Os Irmãos não podem, sem licença do Irmão Provincial, administrar bens pertencentes a outras pessoas físicas ou jurídicas. Não podem também ser avalistas nem mesmo com seus pró-</p>	<p>13.9. Sem a permissão do Irmão Provincial, os Irmãos não podem aceitar a administração de bens pertencentes a outras pessoas físicas ou jurídicas. Também não podem ser avalistas, nem</p>

TEXTOS ATUAIS (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<i>prios bens (c 672; c 285,4).</i>	<i>mesmo com seus próprios bens. (c 285.4/ 672)</i>
<p>29.10 O Irmão recusa vantagens que lhe são oferecidas a título pessoal: viagens, estadas, objetos de valor. Pois, embora nada custem à comunidade, podem ferir a pobreza e a vida em comum.</p>	<p>13.10. O Irmão recusa as ofertas que lhe fazem, a título pessoal, como viagens, estadas fora da comunidade e objetos de valor; pois, mesmo não implicando gasto para a comunidade, podem ferir a pobreza e a vida em comum.</p>
<p>29.11 O Capítulo provincial deve estabelecer as normas relativas aos objetos de uso pessoal, assim como as referentes ao dinheiro posto à disposição dos Irmãos para necessidades diversas: estudos, viagens, férias (cf 151.1.3). Pode também propor outras normas que julgue necessárias ou úteis à prática da pobreza, levando em conta as situações locais. Nesse caso, o Irmão Provincial, com seu Conselho, consultará o Irmão Superior Geral (cf 150.2.10).</p>	<p>13.11. O Capítulo Provincial estabelecerá normas relativas ao uso do dinheiro que, por diferentes necessidades (estudos, viagens, férias) se entrega aos Irmãos. Fixa também normas relativas aos objetos de uso pessoal (cf. 151.1.3). Poderá determinar, igualmente, outras normas que julgue necessárias ou úteis à pobreza, tendo em conta as situações locais. Nesse caso, o Irmão Provincial com seu Conselho, consultará o Irmão Superior Geral (cf. 150.2.10).</p>
<p>32a. Vivemos concretamente a pobreza pessoal e comunitária levando vida laboriosa e sóbria, sem busca do supérfluo (1).</p>	<p>14. Vivemos a pobreza pessoal e comunitária adotando um estilo de vida simples e laboriosa. Rejeitamos o consumismo e o desperdício dos recursos. Valorizamos as coisas simples da vida. Estamos plenamente presentes perante cada ser humano e de cada criatura. Comprometemo-nos efetivamente no cuidado da casa comum. (c 598.1)</p>
<p>32.1. A comunidade avalia periodicamente o uso que faz de seus bens. Examina seu estilo de vida e de residência, a fim de ver em que grau testemunha a pobreza religiosa (cf. PJ, prop. 11).</p>	<p>14.1. A comunidade avalia periodicamente o uso que faz de seus bens e examina seu estilo de vida e moradia para ver em que medida testemunha a pobreza religiosa. (PJ. 3.1.1)</p>
<p>32.2. Fiéis à tradição marista e por espírito de pobreza e de solidariedade com os pobres, assumimos os pequenos trabalhos que se apresentam em nossas casas.</p>	<p>14.2. Fiéis à tradição Marista e por espírito de pobreza e solidariedade com os pobres, fazemos os pequenos trabalhos manuais que se apresentam em nossas casas.</p>

TEXTO ATUAL (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p>32b. Nossa pobreza aparece também na simplicidade que deve marcar nosso modo de ser, nosso estilo de vida e nossa ação apostólica. Requer façamos frutificar nossos talentos, partilhemos (2) o que somos e o que temos, especialmente nosso tempo pessoal.</p>	<p>15. Manifestamos também em nossa ação apostólica a simplicidade e a pobreza próprias de nosso carisma. Fazemos frutificar nossos talentos e partilhamos o que somos e o que temos. (c 598.1)</p>
<p><i>32.3. Em nossas compras e construções, procuramos salvaguardar a simplicidade.</i></p>	<p><i>15.1. Seja nas compras como nas construções, colocamos particular empenho em salvaguardar a simplicidade.</i></p>
<p>34. Por fidelidade a Cristo e ao Fundador, amamos os pobres (1). Prediletos de Deus, eles atraem sobre nós os favores divinos e nos evangelizam. Guiados pela voz da Igreja (2), de acordo com nossa vocação própria, nós nos solidarizamos com os pobres e suas causas justas. Reservamos-lhes nossa preferência, onde quer que estejamos e qualquer que seja nosso trabalho. Gostamos dos lugares e das casas que nos permitem partilhar a condição deles e aproveitamos das ocasiões de contato com a realidade da vida cotidiana dos mesmos. A preocupação pelos pobres leva-nos a descobrir as causas de sua miséria e a libertar-nos de qualquer preconceito ou indiferença para com eles. Torna-nos mais responsáveis no uso dos bens que devemos partilhar com os mais necessitados. Evitamos escandalizá-los com um estilo de vida demasiadamente confortável (3). Nossa missão de educadores junto aos jovens compromete-nos a trabalhar pela promoção da justiça.</p>	<p>16. Por fidelidade a Cristo e ao Fundador, amamos os pobres: Prediletos de Deus, eles nos evangelizam. Nossa solidariedade com os pobres nos compromete a ser generosos com eles e a nos esforçar, sobretudo, em suprimir as causas de sua miséria e a nos libertar de todo julgamento ou indiferença. Damos-lhes preferência onde os encontrarmos. Apreciamos os lugares e casas que nos permitem partilhar sua condição e aproveitamos as ocasiões que nos põem em contato com a realidade de sua vida cotidiana. Sentimo-nos responsáveis pelos bens que estão ao nosso uso e que devemos partilhar com os mais necessitados. Evitamos ofendê-los com um nível de vida exagerado. Nossa missão de educadores da juventude nos compromete a lutar pela justiça e o cuidado da casa comum. (c 677.1)</p>
<p><i>34.1. No início de seu mandato, o Irmão Provincial estabelece um plano para continuar e aumentar, se possível, o que a Província está</i></p>	<p><i>16.1. No início de seu mandato, o Irmão Provincial estabelece um plano para continuar e aumentar, se possível, o que a Província faz em</i></p>

TEXTOS ATUAIS (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p><i>realizando em favor dos necessitados. Comunica o plano ao Irmão Superior geral. Faz também uma avaliação da aplicação das normas provinciais relativas à pobreza (Cf 150.2.6).</i></p>	<p><i>favor dos necessitados. Informa este plano ao Irmão Superior Geral. Faz também uma avaliação das Normas provinciais relativas à prática da pobreza. (cf. 150.2.6)</i></p>
<p><i>34.2. Em seu orçamento anual, a comunidade prevê a parte dos pobres, de acordo com diretrizes do Irmão Provincial. Procura ampliá-la, privando-se de coisas úteis ou até necessárias (cf 58.1; 162.3).</i></p>	<p><i>16.2. Ao elaborar o orçamento anual, a comunidade prevê o montante destinado aos pobres, de acordo com as orientações do Irmão Provincial. Busca, entretanto, a maneira de ampliar esse montante, privando-se de coisas úteis e mesmo necessárias (cf. 58.1; 162.3).</i></p>
<p>CONSELHO EVANGÉLICO DE OBEDIÊNCIA</p>	
<p>36. Toda a existência de Jesus foi comunhão com a vontade do Pai (1) de quem tinha consciência de ser o Bem-amado. Responde a esse amor pela total disponibilidade à missão redentora. Seu alimento é fazer a vontade daquele que o enviou (2). Assume a condição de servo (3) e aprende, sofrendo, o preço da obediência (4). Ressuscitado, por Deus, tornou-se causa de salvação universal. Jesus é para nós o exemplo perfeito que procuramos seguir. Movidos pelo Espírito Santo, buscamos em tudo o cumprimento da vontade do Pai, unindo-nos assim ao mistério pascal do Filho (5).</p>	<p>17. Toda a existência de Jesus foi comunhão com a vontade do Pai, do qual se sabia Filho muito amado. Esta vontade foi seu alimento e sustentáculo em toda a sua vida e no cumprimento de sua missão. “Ele se fez obediente até a morte na cruz”. Como religiosos Irmãos nos propomos dar visibilidade a Jesus obediente buscando e realizando em tudo a vontade do Pai. (Hb 10,7; Fl 2,8)</p>
<p>37. O conselho evangélico de obediência, assumido em espírito de fé e de amor no seguimento de Cristo obediente até a morte, obriga-nos à submissão aos Superiores legítimos que ocupam o lugar de Deus, quando ordenam segundo as Constituições (1).</p>	<p>18. O conselho evangélico de obediência, vivido em espírito de fé e amor no seguimento de Cristo, compromete-nos à obediência aos Superiores da Congregação quando mandam algo em conformidade com as Constituições. (c 589.1 ; 601)</p>

TEXTOS ATUAIS (1986 - 2009)	NOVA PROPOSTA 2017
<p><i>37.1. Ordem formal em virtude do voto só pode ser dada por um Superior maior, em casos excepcionais.</i></p>	<p><i>18.1. Somente os Superiores maiores, e só em casos excepcionais, podem dar ordem formal em virtude do voto.</i></p>
<p><i>37.2. Por motivos pastorais, o Superior maior tem obrigação de prevenir o Irmão, em caso de falta grave, com admoestação por escrito.</i></p>	<p><i>18.2. Por razões pastorais e no caso de falta grave, o Superior maior tem obrigação de prevenir o Irmão mediante admoestações por escrito.</i></p>
<p>40. Querer a vontade de Deus e desejar cumpri-la no decorrer de nossa vida levam-nos a aceitar um conjunto de mediações. Cada um de nós é obrigado a obedecer ao Papa, em razão do sagrado laço de obediência (1). Entre outras mediações figuram a hierarquia da Igreja (2), e nossa família religiosa com as Constituições, os Capítulos e os Superiores (3). Recorremos a essas mediações, sobretudo em decisões importantes. Superiores ou não, somos depositários do carisma do Fundador. Devemos, por isso, exercer a mediação de maneira recíproca, conforme a graça que recebemos e a função que exercemos.</p>	<p>19. Em nossa caminhada de busca e fidelidade à vontade de Deus, acolhemos livremente um conjunto de mediações: obediência ao Papa, à hierarquia da Igreja, a nossos Superiores e às nossas Constituições e Capítulos. Todos somos depositários do carisma do Fundador e por ele exercemos a mediação de maneira recíproca, segundo os dons recebidos e a função de cada um. (c 590.2 ; 598.1.2)</p>
<p><i>40.1. Ouvimos a voz dos pastores da Igreja e agimos de acordo com o Bispo conforme o direito universal, na organização das obras apostólicas, e segundo o carisma e o direito próprio do Instituto (c 678).</i></p>	<p><i>19.1. Ouvimos a voz dos Pastores da Igreja e agimos de acordo com o Bispo, conforme o Direito universal, na organização das obras apostólicas, segundo o Carisma e o direito próprio do Instituto. (. 678)</i></p>
<p><i>40.2. O Irmão não aceitará, sem licença do Irmão Provincial, empregos ou funções fora do Instituto (c 671).</i></p>	<p><i>19.2. O Irmão não aceitará, sem permissão do Irmão Provincial, cargos ou funções fora do Instituto. (c 671)</i></p>
<p><i>40.3. No exercício de um apostolado externo ao Instituto, o Irmão permanece submisso a seus Superiores e fiel à disciplina do Instituto (c 678,2; cf. 89.1).</i></p>	<p><i>19.3. Mesmo exercendo um apostolado externo ao Instituto, o Irmão depende de seus Superiores e permanece sujeito à disciplina do Instituto. (c 678.2/ cf 89.1)</i></p>

